



O DESPERTAR

BOLETIM RELIGIOSO DA IGREJA LUSITANA

Director — L. DE FIGUEIREDO

Redactores — A. FERREIRA ARBIOL — SAUL DE SOUSA

Redactor correspondente no Brasil — OCTACÍLIO M. DA COSTA

ADMINISTRAÇÃO — Rua do 1.º de Maio, 54, 2.º — V. N. de Gaia

REDACÇÃO — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. — Vila Franca de Xira

DEPOIS DA III ASSEMBLEIA DO C. M. I.

Revmo. Bispo-Eleito Dr. Luís R. Pereira

HÁ certas perguntas que é natural fazerem-se, após acontecimentos como o que teve lugar em Nova Delhi nos fins do ano passado, ou seja a Terceira Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas.

«O que foi que se conseguiu?» «Que resultados terá?»
«Valeu a pena tanto dinheiro e trabalho?»

Os resultados do Movimento Ecuménico, como o de qualquer movimento espiritual, não se podem apreciar por dados estatísticos ou pela leitura de relatórios ainda que escrupulosamente feitos; é algo que por ser espiritual, tem de ser discernido espiritualmente, carece de ser experimentado e vivido para se avaliar com inteireza e justiça.

Mais de mil cristãos que representavam o pensar e o sentir de milhões de fiéis de todas as Igrejas e de todas as partes do Mundo, ali estiveram reunidos em Nova Delhi para orar, estudar e trocar ideias, sobre os três grandes e inseparáveis temas ecuménicos — UNIDADE - TESTEMUNHO - SERVIÇO.

Três profundas convicções nos dominaram ali:

A convicção de que as barreiras eclesiásticas, raciais e políticas que nos separam são contrárias à vontade de Deus.

A convicção de que, a despeito dessas barreiras, existe entre todos alguma coisa de comum cujo valor e dimensões se sente dia a dia aumentar.

A convicção de que a unidade indispensável para um testemunho e serviço dignos de Deus, é uma dádiva do Senhor à Sua Igreja e que para a recebermos e manifestarmos, necessitamos de aprofundar juntos o nosso conhecimento real d'Ele e da Sua Revelação, testemunhando e servindo juntos, tanto quanto, a nossa consciência o permite.

Os que tomaram parte na Terceira Assembleia do Conselho Mundial das Igrejas, sentiam por detrás deles as orações e anelos dos milhões que representavam; importa agora que estes compartilhem também dos resultados daqueles dias de oração e de estudo.

Estamos certos de que os principais relatórios e documentos serão publicados em português e poderão ser lidos e meditados por todos os nossos fiéis. Mas requer-se mais do que uma simples leitura, mesmo feita com cuidado e inteligência. É indispensável que todos se deixem dominar e dirigir pelo Espírito Santo, de modo a sentirem todo o peso da mensagem ecuménica e o seu apelo à penitência e à santificação.

(Continua na página 4)

EDITORIAL

Este primeiro número do nosso Boletim de 1962, aparece no desejo continuado de ser o informador e o esclarecedor dos seus leitores, o amigo que os põe em contacto com a vida da Igreja.

A Igreja é a intérprete de todas as aspirações humanas. É mais, a verdadeira guia, a inspiradora do homem no seu trabalho, nas suas relações com o mundo exterior. A Igreja não é um instrumento estático. O cristão não vive, se comodamente apenas assiste aos cultos e «pachorrentamente» recolhe a sua casa. O cristão vive quando começa a interessar-se pelos problemas da rua, do seu emprego, da comunidade onde vive, e lhes dá a sua contribuição activa, pondo em prática o Evangelho de Cristo, de Amor e de Perdão.

O cristão tem de conhecer, pois, os factos, os assuntos que presentemente preocupam a Igreja, que atravessa, neste século chamado ecuménico, um período de prova das suas possibilidades, como nunca experimentou após a Reforma. O cristão tem de saber as coisas por que deve orar, por que deve interceder.

O Despertar procurará, por conseguinte, colocar os seus leitores em contacto com esses factos, com esses assuntos. Sairá 5 vezes por ano. E igualmente deseja cooperar com os seus leitores, agradecendo as suas sugestões, a sua apreciação, a sua crítica. Publicar-se-ão as cartas que nos enviarem, desde que o assunto, como é compreensível, tenha um sentido geral. E é por tudo isto, que o Despertar é publicado.

Mas o jornal só poderá viver, dentro da relativa necessidade material, se os seus leitores responderem compreensivelmente aos nossos apelos e considerarem que eles lhe são dirigidos directamente e não ao vizinho do lado.

NOTAS E COMENTÁRIOS

Paulo Agostinho

A III Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas

O Despertar, dedicando este número ao acontecimento mundial de tanta repercussão na grande imprensa de todos os países, não faz mais do que mostrar o seu interesse no esforço extraordinário para uma aproximação entre as várias Igrejas.

O «silêncio» que se faz à sua volta em certos sectores do evangelismo português, é mais motivado por receios, até certo ponto justificados, (não tivesse a Igreja sofrido tanto no decorrer da História), do que por falta de um desejo sincero de união. Teme-se que os princípios da Reforma, por que tantos lutaram, sejam ultrapassados por uma união a todo o custo.

Nas «não se seja demente à força de se ser prudente» diz o povo. A entrevista que este jornal obteve do Bispo-eleito, Dr. Luís Pereira, esclarece muitos dos pontos em discussão. Sua Revma. esteve presente nesta Magna Assembleia, viveu todos os seus momentos e tem autoridade para falar do que viu e ouviu.

Além da entrevista, os leitores têm ocasião de poder ler alguns dos escritos, algumas das mensagens desta Assembleia. Podem examinar para si próprios, os propósitos do Conselho Ecuménico que não são outros do que uma aproximação das Igrejas, um melhor conhecimento de todos os cristãos entre si, uma melhor experiência do Cristianismo mundial, do Cristianismo verdadeiramente católico. E o seu objectivo é de facto só este.

Mas pode preparar no futuro uma super-igreja... Se destas conversações uma Igreja saísse mais unida, mais firme, mais inspiradora dos homens, num futuro que se sente ainda estar longe de algumas gerações, mas salvaguardadas as liberdades e as tradições próprias das Igrejas nacionais, se tal Igreja resultasse, então seria razão para todos louvarmos o Senhor e rendermos graças pelas bênçãos concedidas, porque tal Igreja seria um factor extraordinário na concórdia entre os homens. Mas isto será quando Deus quiser, quando Deus entender que chegou a hora.

Por enquanto, temos de considerar os benefícios já alcançados, procurando apenas uma melhor concórdia, um mais aberto entendimento entre as Igrejas. Os resultados deste esforço são já de tal realidade e evidência, que não podem deixar dúvidas no nosso espírito. E daí vejamos o que se passa no próprio campo católico-romano, impossível de há anos pensarmos ser realizável. Em França, as reuniões entre protestantes e católicos romanos são frequentes, nas pequenas comunidades, para estudarem juntos problemas comuns. Em Taisé houve mesmo há dois anos, uma reunião de bispos católicos romanos e pastores protestantes no mesmo sentido de cooperação.

O trabalho do C. M. I. é para o homem de hoje uma esperança dum Mundo mais compreensível, mais dentro do Amor de Cristo, pois um Cristianismo unido será

uma força única na propagação da doutrina evangélica. E que não se pode compreender o Cristianismo sem esta união. E que não se pode mesmo.

Clericalismo e Laicismo

Vai longe o tempo em que se considerava o clero uma classe privilegiada dentro da Igreja. O povo, distante, não passava de um rebanho passivo, sem ter bem a consciência de que a Igreja é o conjunto de todos os fiéis, dos que têm ordens especiais e dos que não têm essas ordens, mas sim outras importantes também na vida da Igreja. A sua acção é activa numa correlação lógica que não implica compartimentos estanques.

Na doutrina de Cristo esteve sempre pertinente um sentido democrático da Igreja. «Todos vós sois irmãos». «Aquele que se julga superior seja como o que serve». «Os últimos serão os primeiros». Estas e outras máximas são sínteses maravilhosas, que não deixam dúvidas sobre o objectivo da doutrina — uma condenação do orgulho e da falta de amor entre os homens.

A Igreja nos primeiros séculos chamou-se a si mesma católica, porque não distinguindo condições sociais, raciais, políticas e outras, dirige-se a todos igualmente, pregando-lhes o Evangelho, a Boa Nova da Salvação. «Vinde a Mim todos os que estais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei». E é S. Pedro que nos diz: «Todos vós sois sacerdócio santo para oferecer sacrifícios espirituais a Deus, por Cristo Jesus». A Igreja é de todos e para todos. O sacerdotalismo no Novo Testamento é proclamado existente em potência em todo o homem, revelando-se na conversão como uma força que o une a Deus num só corpo.

Assim como Cristo escolheu os doze Apóstolos, assim a Igreja escolhe dentre os que são seus, os que têm a vocação de servir dum modo especial. Estes são chamados para a administração dos sacramentos, para o ministério da Palavra, para ajudar os seus Irmãos a elevarem-se com eles, através o altar, ao mais alto nível da vida espiritual. As ordens sacras de que são revestidos, conferem-lhes a autoridade necessária, sem a qual a sua missão seria diminuída. Estas ordens, que vêm dos Apóstolos, chegaram até nós através a Igreja histórica, enobrecidas pelo bom senso geral dos concílios dos primeiros séculos e seguintes.

Nesta definição do clero está implícito não uma casta divina, ou sacerdócio exclusivo, mas um mandato divino através a inspiração da Igreja.

Clericalismo é a hipertrofia deste mandato, num abuso de autoridade em detrimento dum cooperar adentro da Igreja entre todos os seus membros.

Laicismo é o reverso da medalha. Os leigos, sem considerar o mandato divino dos escolhidos pela Igreja para a administra-

ção dos sacramentos, tomam para si a direcção do rebanho, a interpretação isolada e pessoal dos assuntos divinos, dos problemas religiosos.

Certamente estes dois aspectos extremos da distorsão da harmonia que deve existir na Igreja, acarretam consequências desastrosas. Por um lado chega-se ao poder absoluto e à própria inquisição, natural resultado da primeira; por outro à multiplicidade das divisões que, destruindo a unidade da Igreja, diminuem a sua força perante o Mundo.

A lição do passado é ensinamento para o futuro. A Igreja tem de confessar os erros dos nossos antepassados e não esquecer as perturbações causadas, patentes nas páginas da História. De joelhos devemos procurar sentir as palavras de Cristo. A Igreja não pode cumprir a sua missão se os homens não sentirem as suas responsabilidades.

Antologia Devocional

A TÚNICA SEM COSTURA

Sto. Agostinho, Bispo de Hipona

«Os soldados depois de O terem crucificado, tomaram os Seus vestidos e fizeram quatro partes, uma para cada soldado, e a túnica. Ora a túnica era inconsútil, era toda tecida de alto a baixo. Disseram uns para os outros: Não a rasguemos mas sorteemo-la para saber a quem cabe». (S. João, XIX, 23).

A sorte foi lançada para saber quem levaria a túnica. Não disse qual foi o soldado que a levou. Disse simplesmente que a túnica ficou fora das quatro partes iguais. E para que se não rasgasse, proce-deram ao sorteio.

A túnica sorteada significa a unidade que está contida no vínculo da caridade. Da caridade havia de falar o Apóstolo dizendo: «Vou mostrar-vos um caminho super-eminentemente» (I Cor. XII, 31).

Portanto se a caridade tem um caminho super-eminentemente, e ultrapassa a ciência em grandeza, e é preceituada acima de tudo, com razão se apresenta ela simbolizada na veste que é tecida de alto a baixo.

É inconsútil, não se pode rasgar.

É adjudicada a um, reúne todos num só.

Da mesma sorte os Apóstolos eram doze, divididos em quatro partes, era cada parte constituída por três, e quando foram interrogados, só Pedro respondeu: «Tu és o Cristo o Filho de Deus vivo».

Falou um por todos, porque a unidade está em todos.

No sorteio há uma referência à graça de Deus. Sendo adjudicada a um, chegou a todos, porque a sorte a todos agradeu. A graça de Deus chegou a todos os que estão na unidade.

Sto. Agostinho, Tratado CXVIII sobre o Ev. de S. João.

IMPRESSÕES
DA

III ASSEMBLEIA

Entrevista com o
Rev.º DR. LUÍS PEREIRA
Bispo-Eleito da Igreja Lusitana

Desejando elucidarmo-nos sobre vários aspectos do movimento ecuménico, que para nós é uma esperança, mas que para outros é dúvida e motivo de apreensão, procurámos o Rev.º Dr. Luís Pereira que assistiu a esta magna Assembleia. Melhor do que ninguém, nos poderia fazer precipitar certas interrogações que andam no ar, mal definidas, mal precisas e que é necessário esclarecer.

Encontrando o nosso querido Amigo, disposto a cooperar conosco neste desiderato, começámos por perguntar:

— *A nossa presença no Conselho Mundial das Igrejas é benéfica para o Movimento da Reforma em Portugal?*

— Sem dúvida, sobretudo por ser mais uma grande oportunidade de contacto com o pensamento cristão contemporâneo. Um dos grandes males do Movimento da Reforma no nosso País, tem sido o isolamento relativo em que se desenvolve. Seremos mais visitados por membros da Comissão Central e teremos ocasião de participar em Conferências e Cursos promovidos pelo Conselho. Nada mais contrário ao espírito da Reforma do que o obscurantismo com que alguns querem impedir que os evangélicos portugueses conheçam e escutem os grandes vultos do Ecumenismo só porque não são «fundamentalistas»...

— *Qual a sua ideia sobre a organização desta Terceira Assembleia?*

— Modelar; nem outra coisa era de prever. Desde o programa até ao pequeno pormenor, tudo estava cuidadosamente previsto de modo a tirar-se o maior rendimento possível tanto do trabalho como até do testemunho dado naquela cidade de grande maioria não cristã.

— *Que Igrejas estavam representadas?*

— Todas as Igrejas antigas Orientais, as Velho-Católicas, as da Comunhão Anglicana, bem como as várias Igrejas nacionais Reformadas e a maioria das várias denominações Protestantes, incluindo o Exército da Salvação, os Quácross

e até duas Igrejas Pentecostais da América do Sul. A Comunhão Romana estava representada por cinco observadores que assistiram aos actos devocionais e levaram na lapela, (ou na batina) como qualquer outro participante, o seu distintivo com o nome do país e da Igreja a que pertenciam.

— *E quantos participantes?*



O Novo Presidium do Conselho Mundial de Igrejas
Da direita para a esquerda: Rev. Dr. M. Niemöller (Igreja Ev. Alemã); Sr. Francis Ibiem (Nigéria); Arcebispo Iakovos (Patriarcado Ecuménico de Constantinopla); Arcebispo de Cantuária; Rev. Dr. David G. Moses (Igreja unida do Norte da Índia e Paquistão); Dr. Charles Parlin (Igreja Metodista da América do Norte)

— Cerca de mil e quinhentos, entre delegados, observadores, conselheiros, etc.

— *Quais os assuntos tratados?*

— Os três grandes assuntos que constituíam respectivamente os temas de estudo das três Secções em que a Assembleia foi dividida, foram: Unidade, Testemunho e Serviço; todos de algum modo subordinados ao tema geral — **Jesus Cristo, a Luz do Mundo.**

— *Nos trabalhos da Assembleia foi dado ao aspecto devocional parte relevante?*

— Nem podia deixar de ser.

Lembremo-nos de que é convicção profunda dos guieiros do ecumenismo de que a oração e o estudo devocional da Bíblia em comum, são da maior importância para a aproximação das várias tradições cristãs.

— *Houve alguma celebração aberta da Sagrada Eucaristia?*

— De facto houve três celebrações «abertas»; uma anglicana, outra luterana e ainda outra da Igreja do Sul da Índia. A anglicana foi de longe a mais concorrida; celebrou o Bispo de Delhi, mas presidiu o Metropolita da Província do Norte da Índia, que foi quem proferiu a absolvição e a bênção: grande número de Bispos e Presbíteros das várias províncias anglicanas, distribuiu as Sagradas Espécies a cerca de dois mil comungantes (participantes da Assembleia e cristãos indianos da cidade).

— *Sentiu-se nesta magna reunião a eloquência e o valor da catolicidade da Mensagem Cristã?*

— Foi para mim uma das suas notas mais tocantes. Sentí-o porém sobretudo no convívio informal, no vestíbulo, antes ou depois das sessões, no hotel onde fui alojado, e onde estávamos, um luterano brasileiro, dois bispos da Igreja Católica Independente das Filipinas, um pastor coreano, vários pastores africanos, baptistas americanos do norte, um bispo luterano norueguês, que sei eu... homens e mulheres de línguas, formação e ambientes tão distintos; mas a Mensagem de Cristo tinha-se mostrado relevante para todos e havia evocado em cada um de nós respostas que tinham muito de comum.

— *Encontrou-se com alguns dos observadores nomeados pelo Vaticano?*

— Sim, com dois deles. Privei porém principalmente com o Prof. Dr. Groot, sacerdote holandês que tinha tanto de distinto e de culto, como de modesto e de aberto.

— *Acha que se fez algum progresso no sentido da unidade?*

— A Assembleia aprovou com algumas emendas a chamada «declaração de St. Andrew» que define a unidade que buscamos. Saber para onde vamos, estar de acordo

sobre isso, pareceu-me um avanço importante embora alguns talvez o achem irrisório. No entanto, nestes encontros progride-se sempre mais do que se declara oficialmente, é a minha impressão. A convivência, a oração e o estudo em comum, actuam muito mais do que se julga ou até do que se sente, tanto nos participantes como depois, por meio deles, nas suas Igrejas.

— *Verificou-se que no Conselho Mundial das Igrejas existe algo que se assemelhe a uma «super-igreja» como alguns insinuam?*

— Peço licença para responder fazendo minhas as palavras que sobre isso escreveu o Pastor Thurian, da Comunidade Protestante de Taisé, no seu livro recente «*L'Unité visible des Chrétiens*»: «O Secretário Geral do Conselho Ecuménico, Dr. Visser't Hooft, tem imensas vezes afirmado que a organização ecuménica de Genebra não constituía de modo algum uma super-igreja com autoridade sobre as Igrejas que nela se filiassem. O Conselho Ecuménico é **um lugar e uma ocasião** que permite às Igrejas membros de se encontrarem em toda a liberdade, para diálogo fraterno e investigação comum».

Por definição, o Conselho é **uma associação fraterna de Igrejas que, segundo as Santas Escrituras, confessam nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador e se esforçam por responder em conjunto à sua vocação comum, para glória do Deus único, Pai, Filho e Espírito Santo**».

— *Viu, nas várias declarações, teses e discussões, expressarem-se ideias que pudessem fazer pensar numa tendência racionalista, perigosa para a ortodoxia evangélica?*

Não! A própria «*Life of Faith*» publicação «fundamentalista» inglesa, insuspeita, reconhece-o com toda a lealdade.

— *Há algum vislumbre de que esta conjunção de esforços para uma maior união entre protestantes, anglicanos, ortodoxos, e católico-romanos leve ao abandono dos princípios da Reforma do Século XVI?*

— De forma alguma: Quais foram os princípios basilares da Re-

forma? A supremacia das Escrituras, o sacerdócio universal dos fiéis e a justificação pela fé. No Movimento Ecuménico estas doutrinas têm sido aprofundadas e procurou-se-lhes novos aspectos e novas expressões. Foram pois enriquecidas nunca negadas ou deformadas. É curioso que os meios da Comunhão Romana em que há mais simpatia e interesse pelo Movimento Ecuménico, são aqueles onde prepondera a Renovação Bíblica e o Movimento Litúrgico, cuja tendência reformadora é de sobejo conhecida. Se podemos falar deste modo, é antes o ultramontanismo que cede perante o ecumenismo e não este diante daquele.

* * *

Pensámos, nesta altura, que tínhamos chegado ao fim da nossa conversa e, agradecendo, despedimo-nos com o coração posto nos princípios da unidade que Cristo tanto desejou: «**Para que todos sejam um em Nós, para que o Mundo creia que Tu Me enviaste**». E do mesmo modo, agradecemos a todos os homens que têm tido a vocação ecuménica e se têm esforçado para humildemente obedecer a Deus no sentido mais puro dessa unidade, **baseados na experiência de 2 000 anos, através as quedas e as virtudes da Igreja Histórica**, de que a Reforma é um momento e um aviso.

A UNIDADE QUE PROCURAMOS

(Conclusão da página 6)

que a pecaminosa vontade própria opera no sentido de nos ter separados e que na nossa ignorância humana não podemos discernir claramente as linhas dos desígnios de Deus para o futuro. Mas a nossa firme esperança é que pelo Espírito Santo a Vontade de Deus tal como se apresenta na Sagrada Escritura será mais e mais conhecida de nós e em nós. Atingir a unidade envolve nada menos do que a morte e renascimento de muitas formas da vida da Igreja como as temos conhecido. cremos que nada de menor valor pode finalmente ser suficiente,

(1) Do boletim da Comissão de Unidade da III Assembleia.

DEPOIS DA III Assembleia DO C. M. I.

(Continuação da primeira página)

Entrar de coração no Movimento Ecuménico não é fácil nem agradável. Para alguns escolhidos servos de Deus, tem sido a sua paixão e até... o seu calvário!

Não é de mais repetir que o Movimento Ecuménico não é o «**confusionismo**» pan-protestante que às vezes com esse nome se apresenta; não é aquela estulta minimização das «diferenças» entre as Igrejas da Reforma; aquele critério, incrível mas existente, que diz: «**Nós, os protestantes, temos já unidade suficiente (ora pois!!!...); os romanos e os ortodoxos... que se reformem!**»!...

Partilhar do Movimento Ecuménico é aceitar, é abraçar essa tensão permanente e dolorosa entre a lealdade e amor que devemos às nossas convicções e o desejo que sentimos, ou reconhecemos que devemos sentir, de colaboração e comunhão plenas com os nossos irmãos separados. É também distinguir, louvar e procurar imitar o que nos outros campos se encontra de bom; é confessar e fazer por corrigir, o que vamos encontrando de mau no nosso campo; numa palavra, aquilo que o Padre Couturier chamou «a emulação espiritual». É esperar contra a esperança que «quando o Senhor quiser e do modo que Ele quiser» as paredes de separação vão-se desmoronar e seremos UM e o mundo conhecerá que Deus O enviou.

A III Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, foi mais um marco miliário no caminho que conduz ao termo porque tantos oramos, marco desta vez levantado em nação de maioria não cristã. Os seus resultados são conhecidos de Deus; nós, estou certo disso, havemos de conhecê-los na eternidade.

L. R. Pereira

Posição da Igreja

Perante o Mundo

Rev. Saul de Souse

Dentro do escopo deste presente número somos levados a pensar mais na Igreja de que todos fazemos parte e nas suas relações para com o Mundo dos nossos dias.

IGREJA — «ekklesia» (congregação, assembleia) é por definição «os chamados para fora». Nesta ordem de ideias, a Igreja é constituída pelos que são ou foram chamados para fora do Mundo. Este «para fora do Mundo», entendase, não significa, nem podia significar, necessariamente, uma fuga ou afastamento do Mundo em seu sentido genérico mas específico; doutra sorte, como diz o Apóstolo S. Paulo, «necessário nos seria sair do Mundo» (I Cor. 5, 10). Significa apenas que embora a Igreja viva no Mundo, não lhe pertence (João 17, 14-16). Está no meio dele para testemunhar de Cristo e anunciar o Seu Evangelho (Act. 1, 8; I Ped. 2, 9).

Por outro lado, «a Igreja visível de Cristo é — conforme a definição dos Trinta e Nove Artigos — uma congregação de fiéis, onde se prega a pura Palavra de Deus e se administram devidamente os Sacramentos, segundo a instituição de Cristo, em todas as coisas que necessariamente se requerem neles».

A Igreja como comunidade cristã é, pois, mais do que simples organização: é organismo com vida e que tem como missão influenciar e criar novas vidas. Como organismo vivo que é, e com as responsabilidades que lhe assistem, não pode nem deve permanecer estática ou indiferente aos problemas do século, sob pena de trair a sua missão divina; antes, pelo contrário, deve manter-se à altura do dinamismo da sua origem e em constante movimento e progressiva actualização. A Igreja, em relação ao Mundo, é uma comunidade missionária, que tem como objectivo principal *Servir*. Esta é a sua

finalidade suprema! Servir a Deus e ao próximo ou, falando de modo mais explicito, servir a Deus na pessoa do próximo.

Em um discurso proferido na abertura da Assembleia do Concílio Missionário Internacional, realizado em Ghana, há uns cinco anos, o Dr. John Makay disse, entre outras coisas, o seguinte: «É penoso pensar em quantos sentidos e em quantas partes a Igreja Cristã se está convertendo em um absoluto, um ídolo, um fim em si mesma, sem tomar em linha de conta a sua verdadeira natureza e honrosa missão de serva de Jesus Cristo». Estas palavras do erudito



Três tradições em alegre convívio
Cena típica dos encontros ecuménicos

O Dr. Billy Graham, um Padre copta e o Arcebispo de Cantuária

Reitor do Seminário de Princeton devem levar-nos a pensar sobre o que estamos fazendo como Igreja ou em relação à Igreja.

Depois da autocomiseração, não conheço nada pior do que a pretensão da auto-suficiência, quer esta se manifeste individual ou colectivamente. Entre os complexos de inferioridade e superioridade, afigura-se-me que o de superioridade é bem mais nocivo. O nosso valor como indivíduo ou Igreja está na capacidade de reconhecermos o que somos e podemos fazer sem quaisquer complexos.

Nós somos e queremos conti-

nuar a ser uma Igreja extrovertida, isto é, voltada para o exterior. Que Deus nos livre de nos ensimismarmos na consideração do que somos ou valemos. Só as crianças podem crescer. Só os humildes entrarão no Reino de Deus. Uma Igreja introvertida, enamorada de si própria, metida só consigo, olhando-se embevecidamente à semelhança de Buda, está em risco de perder o fim máximo para que foi criada: *servir*. Ou, por outras palavras, está assinando a sua sentença de morte.

A introspecção ou a introversão só têm valor positivo quando à semelhança do Pródigo, nos levam ao reconhecimento das nossas faltas e, portanto, nos conduzem a Deus. E na análise deste sentir humilde do reconhecimento das faltas da Igreja, que são também faltas nossas, visto que fazemos parte integrante da Igreja de todos os séculos, está o princípio do caminho que nos levará ao alto monte, donde descortinaremos novos horizontes. Não devemos alijar para outros ombros a responsabilidade do que de errado houve no passado; nem do que de errado há no presente. A não ser que assumamos uma atitude fari-saica, temos de confessar a nossa quota parte na culpa e no escândalo que como cristãos temos dado e estamos dando ao Mundo, sobressaindo «as nossas desgraças desuniões».

Karl Barth, indiscutivelmente o mais famoso e controvertido teólogo deste século, referindo-se à Igreja, põe ao vivo o seu lado humano, vulnerável, portanto. Diz-nos ele: «A Igreja tem também a sua história, uma história humana e terrestre, e eis a razão por que não pode inteiramente contestar-se o que Goethe disse a seu respeito: «ela tem sido, de século em século, uma mistura de erros e de violências». Se formos sinceros temos de conceder que não aconteceu na história da Igreja coisa diferente do que aconteceu na história do Mundo. E assim se nos depara ocasião de falar modesta e humildemente da Igreja»... (*Esquisse d' une Dogmatique, Delachaux et Niestlé, 1950*).

Demos graças a Deus, no entanto, porque apesar de toda a

(Continua na página 9)

A Unidade

QUE PROCURAMOS⁽¹⁾

O amor do Pai e do Filho na unidade do Espírito Santo, é a fonte e alvo da unidade que o Deus Trino quer para todos os homens e Sua criação. cremos que participamos nesta unidade na Igreja de Jesus Cristo, que é antes de todas as coisas e em quem todas as coisas subsistem juntamente. Somente n'Ele, dado pelo Pai para ser Cabeça do Corpo, a Igreja tem a sua verdadeira unidade. A realidade desta unidade manifestou-se no Pentecostes na dádiva do Espírito Santo, por quem conhecemos neste tempo presente os primeiros frutos daquela unidade do Filho com Seu Pai, que será conhecida em toda a sua plenitude somente quando todas as coisas forem consumadas por Cristo na Sua Glória. O Senhor, que está trazendo todas as coisas para a plena unidade, é Ele por fim que nos constringe a procurar a unidade que Ele quer para a Sua Igreja na Terra aqui e agora.

Cremos que a unidade, que é tanto a Vontade de Deus como dádiva d'Ele à Sua Igreja, tornar-se-á visível quando todos quantos, em qualquer lugar, são batizados em Jesus Cristo e O confessam como Senhor e Salvador, forem trazidos pelo Espírito Santo para uma profunda e completa comunhão sustentando uma única fé apostólica, pregando um único Evangelho, partindo um único Pão, juntando-se em oração comum, e tendo uma vida comunitária que se manifesta em testemunho e serviço a todos, e que ao mesmo tempo estiverem unidos com toda a comunhão Cristã em todos os lugares e todas as épocas, de tal maneira que o ministério e membros forem aceitos por todos, e todos poderem agir e falar juntos, conforme a ocasião requer, das tarefas para as quais Deus chama o Seu povo.

E' por tal unidade que cremos ter de orar e trabalhar.

Esta breve descrição do nosso objectivo deixa muitas perguntas por responder. Ainda não estamos de mente comum na interpretação e significados para atingir o alvo que descrevemos. É-nos claro que unidade não implica de forma alguma uniformidade de organização, rito ou expressão. Todos confessamos

(Conclui na página 4)

MENSAGEM D

enviada pela III Assembleia
e suas Com

Regozijamo-nos e damos graças a Deus porque experimentamos aqui uma comunhão tão profunda como antes, mas agora mais vasta ainda. Novas Igrejas membros, vindas em número e força consideráveis tanto da velha tradição Ortodoxa da Cristandade Oriental como da África, Ásia, América Latina e de outras partes do Mundo, demonstram visivelmente que o Cristianismo tem agora quem o siga em toda a parte. Nesta comunhão podemos falar e agir livremente, porque todos somos «participantes com Cristo». Juntos procurámos compreender a nossa vocação comum para testemunho, serviço e unidade.

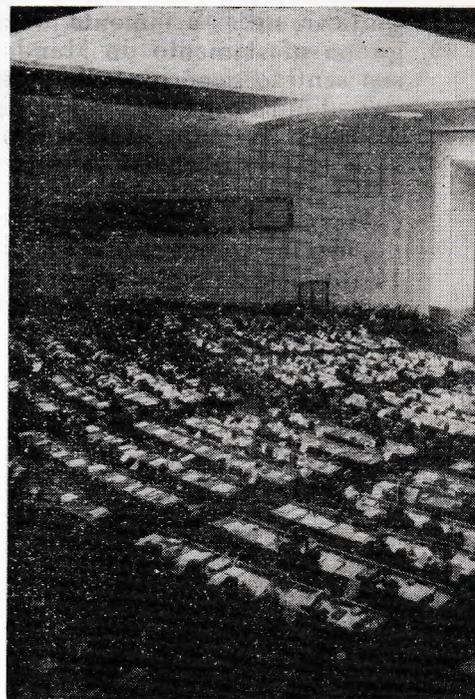
Estamos profundamente gratos pelas orações de inúmeros cristãos e pelo estudo do nosso tema «JESUS CRISTO, A LUZ DO MUNDO», pelo qual muitos de vós tomastes parte no nosso trabalho. Agora regressamos às nossas Igrejas para convosco fazermos as coisas que aqui nos tem sido dado observar.

Por toda a parte do Mundo, novas possibilidades de vida, liberdade e prosperidade estão a ser activa e mesmo apaixonadamente aproveitadas. Em alguns lugares há desilusões com os benefícios provenientes de uma vasta sociedade tecnicamente desenvolvida; e sobre todos paira a ameaça de uma vasta destruição pela guerra. No entanto a Humanidade não está paralisada por esta ameaça. O ímpeto da mudança não está reduzido. Nós cristãos compartilhamos com os homens do seu anelo por melhoria de vida, e pela libertação da pobreza, das apreensões e da doença. E Deus está por detrás das novas oportunidades dadas à Humanidade em nossos dias... Deus opera mesmo quando os poderes do mal se rebelam contra Ele e atraem o Seu julgamento. Não sabemos por que caminhos Deus nos conduzirá; mas a nossa confiança está em Jesus Cristo que é, agora e sempre, a nossa Vida Eterna.

Quando, como cristãos, nos dirigimos aos outros homens, devemos manifestar a verdade da nossa Fé, que há somente um Caminho para o Pai, a saber: Jesus Cristo Seu Filho. É naquele Caminho que somos chamados a ir ao encontro do nosso Irmão. Encontramos o nosso Irmão cristão. Encontramos também o nosso Irmão homem; e antes que lhe falemos de Cristo, o próprio Cristo já o procurou.

Cristo é o Caminho e portanto temos de ir a toda a Humanidade. É este o Seu mandamento **aos homens do que falar-lhes do Cristo eficaz do que uma vida oferecida em** mens pode impedir o nosso falar, mas Deus não sofre sofrimento da Sua Igreja. As suas orações e p aceitar, são feitas parte do testemunho que Ele

Precisamos planear juntos, em termos comuns, nos dias e juntos devemos agir de acordo com o que tem sido mais eficaz do que no serviço prestado a



A TERCEIRA ASSEMBLEIA

Rogamos o dom do Espírito Santo nos manda;

Confessamos Jesus Cristo, como Salvador;

Juntos submetemo-nos ao Seu Mandamento;

Comprometemo-nos de novo a dar testemunho semelhante;

Consagramo-nos ao serviço da Humanidade, pois só Ele pode dar;

Escutamos mais uma vez a chamada a

Palavra

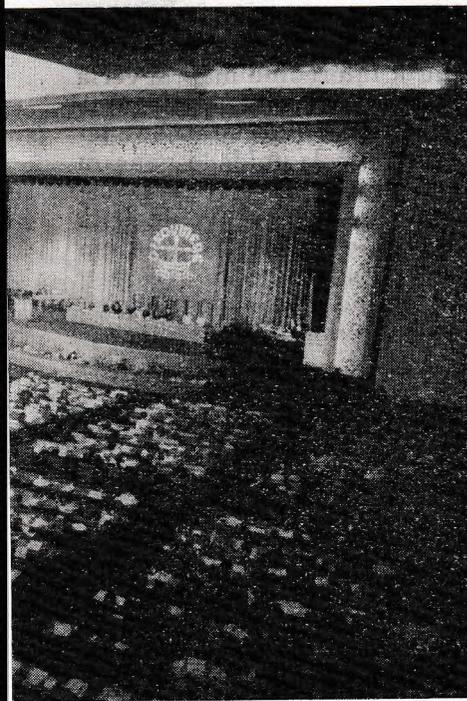
A ASSEMBLEIA

Unidade — Santidade — — Verdade

C. M. I. às Igrejas Membros e Regações

...caminhar juntos, testemunhando d'Ele e servindo-o. **Não podemos prestar maior serviço a Cristo vivo, e não há testemunho mais verdadeiro.** A indiferença ou a hostilidade dos homens está silencioso; Ele fala através do culto e do testemunho, pelo facto de Deus graciosamente as bênçãos de Cristo.

...cretos, as formas de serviço cristão para os nossos dias. Em nenhum sentido tem a cooperação cristã com pessoas em toda a espécie de aflição. Não há



numa das suas reuniões

...para pormos em prática o que Ele
...ador dos homens e Luz do Mundo;
...to;
...testemunho d'Ele junto do nosso
...unidade, em amor, aquele amor que
...ornarmos visível a nossa unidade n'Ele.

*...ditas em coro por todos os participantes, após as quais
...petiram juntos o «Pai Nosso», cada um no seu idioma.*

...tarefa mais urgente para o cristão, do que trabalhar pela fraternidade entre as nações, paz, justiça e liberdade entre elas, a fim de que as causas de muita miséria contemporânea sejam irradiadas. Temos de tomar posição contra a injustiça feita a qualquer raça ou a qualquer homem por causa da sua raça. Temos de aprender a dar uma contribuição cristã para o serviço dos homens através das agências seculares. **O amor cristão requer não somente a participação de bens materiais, mas serviço pessoal ainda que com sacrifício.**

Em todo o Mundo a Juventude está a dar um exemplo oferecendo-se espontaneamente.

Devemos seguir juntos também no caminho da unidade cristã. Necessitamos, para esse efeito, de cada membro da família cristã, das tradições Oriental e Ocidental, das Igrejas antigas e das Igrejas modernas, de homens e de mulheres, de jovens e de velhos, de todas as raças e de todas as nações. Os nossos Irmãos em Cristo são-nos dados, não escolhidos por nós. Em algumas coisas as nossas convicções não nos permitem ainda agir em conjunto; mas procuremos, por toda a parte, encontrar as coisas que agora já podemos fazer juntos; e façamo-las fielmente, orando e trabalhando sempre por aquela unidade plena que Cristo quer para a Sua Igreja.

Esta carta é-vos dirigida pela III Assembleia do C. M. I. Mas a carta real escrita ao Mundo de hoje, não consiste em palavras. Nós cristãos onde quer que estejamos, **somos carta de Cristo para o Seu Mundo**, «escrita não com tinta mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas do coração humano». A mensagem é que Deus em Cristo reconciliou o Mundo consigo mesmo. Anunciemo-la e vivamo-la com alegria e confiança «porque o Deus que disse que nas trevas resplandecesse a luz foi quem brilhou em nossos corações para dar a luz do conhecimento e glória de Deus na face de Jesus Cristo».

O Arcebispo de Cantuária fala à III Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas

Para nós, hoje, Povo cristão de diversas partes do Mundo e de muitas e diferentes tradições que nos encontramos aqui a trabalhar pela unidade, o facto supremo e dominante acima de tudo o mais é a incessante intercessão de nosso Senhor. O cap. 17 de S. João é a proclamação no meio da crise histórica da salvação do Mundo, de uma oração que é eterna. O nosso grande Sumo Sacerdote está a interceder. E por que ora Ele? Que os Seus discípulos sejam um; que sejam santificados na verdade. **Unidade, Santidade, Verdade: assim como a oração é indivisível, assim também é o seu cumprimento indivisível.** É inútil pensar que podemos procurar unidade no nome de Cristo, a não ser que procuremos descobrir a santidade na obediência a Ele e à realização da verdade que Ele revelou.

Todavia as palavras da oração falam não só de aspirações para o futuro, mas de dons uma vez para sempre outorgados à Igreja. Pela Sua presença no Corpo do qual Ele é a Cabeça, deu-nos já Unidade n'Ele e no Pai; deu-nos a Santidade cuja essência é a Sua própria consagração pela Sua morte sobre a cruz; e deu-nos a Verdade a qual é Ele próprio, a verdade real encarnada. Mas é nos vasos de barro da nossa fragilidade que recebemos estes dons. Nunca houve um momento, nem um momento sequer, em que a Igreja os não possuísse, nem um momento em que Ela os não obscurecesse pela pecaminosidade de seus membros. Em cumprimento da sua missão a Igreja envolveu-se na vida do Mundo, porque os seus membros têm sempre a dupla cidadania do Céu e da Terra, o seu duplo estado de filhos remidos e membros de comunidades terrenas. Por isso a Igreja precisa de viver a sua unidade entre as influências da cultura e da política; deve manifestar a sua santidade entre as complexidades de civilizações sucessivas, e deve aprender e ensinar a sua verdade entre os variados

Unidade - Santidade - Verdade

O Arcebispo de Cantuária fala à III Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas

(Continuação da página 7)

sistemas e métodos intelectuais. Pouco admira que entre estas complicações tenha sido a verdade na Igreja obscurecida pela sofística humana, que a santidade tenha sido comprometida por influências mundanas, que a unidade tenha sido dilacerada por estas e muitas outras causas. Constantemente a Igreja manifesta Cristo ao Mundo (pois tão grande é a Sua misericórdia que Ele a usa poderosamente a despeito da fraqueza dos seus membros) e todavia a Igreja constantemente e de maneira trágica O obscurece. Mas façamos o nosso diagnóstico correcto. Assim como a nossa missão é Unidade, Santidade, Verdade, estas três coisas, assim também o nosso escândalo é a deformação da Unidade, Santidade, Verdade, destas três coisas. Por isso mesmo é a respeito destas três coisas que somos chamados à penitência e a orar por purificação e renovação.

O Mundo não ouve a chamada à Santidade e não quer saber da Verdade em Cristo. Mas o Mundo tem o seu próprio interesse na Unidade, ainda que concebido de uma maneira secular: anelando por paz, ele deseja que homens e nações se juntem uns aos outros, e removam as forças que os separam. E o Mundo dando assim importância à unidade, choca-se quando a Igreja falha em manifestá-la. Todavia, embora o criticismo do Mundo com razão nos humilhe, não devemos aceitar a sua concepção de unidade. Não é propriamente a unidade tipo convivência de uns com os outros, que nós procuramos; e infelizmente os eclesiásticos algumas vezes têm falado da unidade de modo a darem a ideia de que a isolam das outras notas da Igreja. É por unidade em verdade e santidade que nos esforçamos e oramos, porque esse é o dom de Cristo. Sejamos sempre bem claros a esse respeito. Um movimento que se concentre na unidade, como um conceito isolado, pode dirigir mal o Mundo e a nós também; por outro lado, o mesmo aconteceria com um movimento que tivesse o rótulo de santidade ou verdade exclusivas.

E' quando reconsideramos a profundidade e vastidão da oração

de nosso Senhor que então nos apercebemos da profundidade e vastidão da nossa busca pela unidade. O que é que isso inclui? Inclui o ascético como o intelectual e o diplomático como o ético. Inclui a negociação de união de Igrejas e levar Igrejas para uma comunhão prática. Inclui a tarefa, entre todas, de aprender a verdade em Cristo, na Escritura, nos Padres primitivos, nas liturgias, na cultura contemporânea e na autocritica de sistemas e definições, tarefa na qual nos temos encontrado, graças a Deus, muito menos como rivais e muito mais como companheiros de estudo. Inclui fazermos, todos nós, e onde for possível juntos, aquelas coisas que são património da nossa consciência cristã para que com influência e com voz activa a Cristianidade seja uma realidade viva em nossos dias. Inclui servir a Cristo na pessoa daqueles que estão sem lar e famintos. Inclui aquela vida interior em união com a paixão de Cristo, pela qual a Sua santidade é realizada em nós. Inclui a oração constante dos cristãos em toda a parte, orando pelo que os humilha, orando «fiat voluntas». Tudo isto em profundidade e em extensão é o que o movimento para a unidade deve ser; e portanto a palavra «unidade» não é suficiente para a descrever. «Creio numa Igreja», nós não aprendemos a dizer isso. Antes aprendemos a dizer: «Creio na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica», e as notas da Igreja são uma sinfonia em profundidade da oração de Cristo e da profundidade do seu cumprimento.

Porque a nossa tarefa é assim, ela tem tanto de urgência divina como de paciência divina. A vocação para a santidade é urgente: nós não ousamos orar como fez Sto. Agostinho antes da sua conversão: «Senhor, dá-me pureza, mas não ainda». Assim também a chamada à unidade é urgente. Onde há duas ou três confissões religiosas na mesma localidade, urge a seguinte pergunta: «por que não nos tornamos numa só?». Contudo assim como o caminho da santidade e o caminho da verdade não podem ser percorridos com pressa, assim também há uma paciência

divina concernente à unidade. Guardemo-nos no entanto de confundir a paciência divina com a nossa indolência humana. Sabemos que há uma paciência divina, para ser seguida na nossa paciência para com os outros, na nossa paciência para com nós próprios, e na nossa paciência para com a eterna paciência de Deus. Paciência inclui a vontade de ver que um recuo aparente de algum projecto pode ser a nossa chamada para aprofundar melhor as coisas do que até ali. Paciência inclui, acima de tudo, a vontade de esperar que a bênção de Deus sobre os nossos próprios planos mais queridos, talvez não se possa separar da disciplina a que Ele nos sujeita para nos levar à santidade e à verdade. Não ousamos esquecer as palavras do Salmista: «Para mim foi bom ser afligido para que aprendesse os Teus estatutos». É outra vez: «Em Tua fidelidade me afligiste». Paciência é necessária entre aqueles que dizem que a intercomunhão deveria ser imediata e geral e aqueles que com profunda convicção e não menos interesse pela unidade pensam de outro modo. Necessitamos recordar a súplica comovente feita pelo Arcebispo William Temple, em Edimburgo, para que houvesse o respeito mútuo pelas consciências sobre este assunto.

A teologia dentro da tarefa total tem o seu papel. Temos uma plena consciência das feridas que temos infligido uns aos outros pelas nossas teologias, na sua corrupção. O Ocidente levou para o Oriente não só o Evangelho de Deus, mas uma quantidade de sistemas confessionais rivais que dividem aqueles que aceitam o Evangelho; mais cedo ainda o Oriente teve os seus próprios cismas fatais no IV e V séculos, com efeitos trágicos em pelo menos dois continentes. Desde então até hoje há uma «teologia maneirinha» que com efeito diz: «não aprofundemos muito a teologia; sòmente precisamos meia dúzia de factos e princípios simples para conseguir a unidade». Mas aqueles que falam assim, por via de regra, são os primeiros a fazer afirmações teológicas que não se dão ao trabalho de examinar. Acautelai-vos deles, porque se o Oriente não pôde encontrar unidade em sistemas confessionais que o Ocidente lhe levou numa época primitiva, também não encontrará unidade em quaisquer

(Continua na página 9)

simplificações no século XX. Porventura aquilo que o Oriente e o Ocidente necessitam não será descobrir aqueles dons de Deus que de facto não pertencem a qualquer época ou aspecto ou cultura ou continente, mas à Igreja de Cristo, Una, Santa, Católica, Apostólica, e recebê-los não verdadeiramente como uma volta a qualquer época passada, mas sim como a mediação do poder dinâmico de Cristo para o presente e para o futuro?

No campo da teologia duas coisas boas estão a acontecer. Uma é que dentro de cada Igreja os teólogos estão sendo inspirados pelos mesmos interesses e estão a usar os mesmos instrumentos. Por exemplo, há entre Católicos Romanos, Luteranos, Ortodoxos, Reformados, Anglicanos, uma espécie de interesse pela Bíblia, pelos Padres primitivos e pela Liturgia, que está a mudar os rumos do pensamento e ensino e está expondo novos planos para conversação e participação. A outra é que dentro das nossas diferentes tradições há a tendência de pôr cada vez mais ênfase sobre o mistério dos actos graciosos de Deus, tendo como consequência uma humildade nas nossas opiniões a respeito da verdade e da sua recepção. Se formos

pacientes, a verdadeira teologia, a boa teologia, é alguma coisa que une. Mas não será verdadeira a menos que se conserve e nos conserve a nós perto da Cruz de onde vem a chamada à santidade. Precisamos de ser humildes a respeito das nossas formas de cultura cristã, de métodos intelectuais, de espiritualidade. Nós os do Ocidente tentaremos aprender da Ásia onde novos capítulos da cultura cristã, no método intelectual em espiritualidade, estão a ser escritos.

Unidade, Verdade, Santidade: como acontece com o diplomata assim também com o teólogo a sua tarefa é somente um fragmento muito pequeno. Em todo o momento Cristo, a Cabeça da Igreja, exerce a Sua misericórdia usando a Igreja, ainda que dividida, para tornar conhecida a Sua verdade e unidade e para dirigir muitos pelo caminho da santidade. Assim a vida divina da ressurreição de Cristo corre na Igreja, a parte terrena da qual é somente um fragmento, que nos une já com os santos gloriosos do Céu. É entretanto o nosso grande Sumo Sacerdote está intercedendo para que no Seu povo possam ser manifestadas Unidade, Santidade e Verdade.

não encontro outra melhor. A tolerância pode implicar a suposição falsa aliás — de que a fé de um outro é inferior à nossa, ao passo que o *ahimsá* nos ensina a conservar, para com a fé religiosa de outro, o mesmo respeito que concedemos à nossa, e da qual também reconhecemos a imperfeição. Admitir isto será fácil para aquele que procura a Verdade, para aquele que obedece à lei do Amor. Se tivéssemos alcançado a plena visão da Verdade então já não andaríamos à procura, teríamos alcançado a unidade com Deus, visto que a Verdade é Deus... A tolerância dá-nos um poder de penetração espiritual que está tão afastado do fanatismo como o pólo norte o está do pólo sul... A imparcialidade de juízo ajuda-nos a resolver muitas dificuldades, e mesmo quando criticamos podemos fazê-lo com uma humildade e uma cortesia que apague todo e qualquer ressentimento. (*Letras à l'Ashram, trad. J. Herbert, Albin Michel, 1948*).

Este conceito de tolerância, não é, como à primeira vista pode parecer, um afrouxamento de convicções, não se define como algo amorfo ou incolor; mas que tendo embora as nossas convicções, devemos respeitar o direito de outros terem também as suas, e a capacidade para, mesmo divergindo, mantermos um ambiente de paz e respeito mútuos, procurando assim, a razão ou razões dos nossos diferentes pontos de vista, e uma plataforma comum, onde juntos possamos desempenhar algumas das nossas mais importantes tarefas. Este é, de facto, o espírito que informa o CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS — um espírito verdadeiramente ecuménico. Estamos certo que todas as Confissões cristãs têm algo de positivo que, se vier a ser compartilhado, servirá para um maior enriquecimento da Igreja e fortalecimento do seu testemunho perante o Mundo.

Saul de Sousa

Posição da Igreja perante o Mundo

(Continuação da página 5)

fragilidade humana o Espírito Santo não abandonou a Igreja. Todavia é mister que nos penitenciemos pela culpa que nos toca por não estarmos dando, tanto quanto devíamos, um testemunho inequívoco da nossa Fé cristã perante o Mundo. Busquemos, pois, humildemente, aos pés de Cristo, o caminho da unidade para todos os cristãos, conforme oração e expresso desejo de Cristo (João 17, 21-23). E, ao pensarmos na unidade da Igreja, vêm à nossa mente palavras, que se julga serem de inspiração de Sto. Agostinho: Unidade no Essencial; Liberdade no Secundário; Caridade em Tudo». E' um belo lema para a unidade dos cristãos! E' uma divisa maravilhosa! Mas, infelizmente, alguém poderá dizer, e com bastante acuidade, que o le-

ma acima mencionado, apesar de ser excelente, não deixa de dar lugar a discussão, porque o que para uns é secundário para outros é essencial e vice-versa. Como podemos, pois, encontrar a unidade? Será esta um nó górdio que nenhuma espada de Alexandre conseguirá cortar? Estamos convencidos que enquanto olharmos a unidade da Igreja por este ângulo, não adiantaremos muito. Há que começar pelo fim, pela «Caridade em Tudo».

A caridade fala-nos de compreensão, tolerância. E acerca desta virtude, tão pouco compreendida por vezes, gostaria de citar algumas palavras de Gandhi, indú mundialmente conhecido: «Não o gosto da palavra tolerância mas

«Procurai guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz».
(E[és. 4, 3).

Turismo e Ecumenismo

Crónica de Férias

Entre as duas entradas do hotel há uma espécie de perístilo ladeado a fragmentos de mármore, agora muito em voga e, de facto, de bom efeito. Certo gosto presidiu a todo o conjunto decorativo — as trepadeiras que ensombram o portal, os arbustos que ladeiam a porta interior, e, sobretudo, a disposição das lages. Soube-se aí combinar a geometria de Euclides com a assimetria do acaso (se o acaso existe). A irregularidade dos pedaços justapostos é quebrada ao centro por um círculo perfeito, de mármore negro, e neste um disco, negro também, marca como que o ponto donde os bicos dum compasso gigante terão rodado, a delinear a circunferência exterior.

Lembrei-me então das pequenas estrelas e rosáceas que artesãos anónimos constroem nas ruas de Lisboa, como que a fixar uma assinatura artística, regular e pessoal, no meio do aglomerado grisalho do calcetamento que, no conjunto, é obra colectiva, irregular e indistinta.

Ao gozar o efeito desta coisa tão simples, qual é o consórcio do regular e simétrico com o assimétrico e irregular, procurei descobrir a origem psicológica deste duplo prazer. Pouco saberei dizer-vos, mas a trevo-me a afirmar que ambas as atracções existem em nós e mais ou menos se equilibram nos seres mais ou menos equilibrados. Isto que se dá no indivíduo de hoje, verifica-se na arte primitiva, como na mais evolutiva ou «canónica». Na Humanidade notar-se-á a fuga ao regular ou ao irregular, pelo cansaço que traz a ordem, num caso, e o desalinho, no outro, quando a ordem é monotonia e a desordem é histeria, ou desses extremos se aproximam: seja nas épocas ou nas gerações, ou regiões, ou escolas diversas de pensamento e de acção. Num caso dá-se o aliciamento do exótico, noutra o amor instintivo do «enxebre» (sugestivo termo galego para exprimir tudo quanto é genuíno, tudo que cheira à terra da origem e

que ressoa com a melodia da infância).

Ao turismo, se procurássemos aplicar uma palavra de síntese corresponder-lhe-ia esta: «diferente». Quem se desloca procura fugir ao habitual, ao dever constante e certo, à «fadiga do parecido e do igual». O homem do Ocidente, por mais «occidental» que seja, encanta-se com o orientalismo.

pelo Rev. Cónego Eduardo Moreira

Mas outros exemplos se poderiam aqui multiplicar, ilustrando a «ânsia do diferente». Darei só mais dois que me vêm ao pensamento: «Lisboa», como sinónimo de Portugal metropolitano, tem um singular prestígio na mente do português ultramarino que nunca a vi-



Alguns dos participantes da Assembleia
Da esquerda para a direita: Bispo Anglicano de Hong-Kong
e os Rev.ªs Molina, Bayne, Plínio Simões e Luis Pereira.

sitou; e as antigas avós russas (di-lo o escritor luso-moscovita Alfredo Appel) quando contavam aos netos as histórias maravilhosas de gnomos e fadas, diziam-lhes ter tudo acontecido... em Portugal. E' longínquo, diferente.

O que difere, e surpreende, e alicia, explica a deslocação periódica de dois terços ou de quatro quintos dos passageiros deste mundo, desde os do autocarro aos do avião de jacto.

Assim se encara o mundo e seu povo como eu observava aqueles pedaços de mármore com

as mais desvairadas formas lembrando-me das «desvairadas gentes» que já Fernão Lopes via na Lisboa do século XV. Entretanto lá estava outro objecto de prazer visual, naquela decoração de pedras de côr, trabalhadas de maneira a formar o tal disco interior «perfeito» e a circunferência, externa, «regular». Houve ali um propósito de ordem, de semelhança, de perfeição desejada e de certo modo conseguida. E outro motivo de gozo para a vista aí surgiu, como surge para a alma dum português, por exemplo, quando ouve a sua língua ou vê a sua bandeira a muitas milhas de distância das fronteiras da Pátria; ou como o crente que encontra longe do templo da sua juventude a mesma forma de adorar em que se conformou a sua alma. «Quem se parece, junta-se» — como escreveu o conhecido fisionomista norte-americano Henry Kelen.

E' isso o ecumenismo, diverso mas não adverso, ou irredutível, com a existência de vários ritos ou outras atitudes. Um consciente ecumenismo pode comparar o ser humano a um poliedro, que tanto entrará em contacto com os outros poliedros pelas arestas como pelas faces. O procurar cada um as faces que nos aproximam não é contudo, desprezar as arestas que nos distinguem.

Estou aqui recordando a recontada história do soldado suíço que, como tantos outros nos séculos passados, fora para longe da sua montanha natal e ingressara num regimento mercenário; mas que um dia, movido pela saudade, desertou, no desejo de rever a pátria nunca esquecida. Preso, foi condenado à morte e, como

último desejo, que era costume outrora satisfazer, pediu que o deixassem ouvir ainda uma vez o «alphorn», a trompa das montanhas, tão familiar à sua alma, prazer tão igual ao dos seus compatriotas, que lá ficariam no dia-a-dia, do nascer ao pôr do sol, do verão ao inverno, da sementeira à colheita, do trabalho ao descanso, sempre igual... Ele, o aventureiro que procurara o «diferente», ansiava por sentir ao menos uma vez o «semelhante».

Como o Poeta brasileiro, sempre



Turismo e Ecumenismo

lusíada, atraído pela tradição prestigiosa de Coimbra, cantava nostálgico a Natureza do seu querido país, ainda que começando por um pequeno erro de observação:

«Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorgem não gorgem como lá...»

O excesso de turismo estará no tipo imaginado por Eça, no Alpedrinha da «Relíquia», sempre lamuriando nas suas peregrinações, com saudade que jamais tenta curar. O excesso do ecumenismo mostra-no-lo a História em Gregório, o Grande, trabalhando por aniquilar os ritos cristãos dissidentes do romano, que se haviam radicado em tantas almas católicas, num catolicismo polifórmico como a vida, para que prevalecesse o de Roma, com uma língua inalterável e uma tradição unitária.

Espero que o leitor não estranhará os tipos aqui escolhidos para caracterizar os dois excessos: para a aventura turística levada ao extremo, a personagem que o génio dum romancista inventou; para o imperialismo ecuménico, um vulto histórico de primeira grandeza, vencido em parte do seu sonho de homogeneidade total, esquecido da natureza humana.

A lição a tirar parece ser a da aceitação dos dois fenómenos, mutuamente se mitigando, como sucedia com o inspirado profetismo, agitador de Israel, ao corrigir outrora no povo eleito a apatia ou adormecimento sofridos por muitos na prática regular, canónica, metódica, do culto mosaico, igualmente inspirado, aliás, utilíssimo educador e conservador das verdades e perpétuas.

Não julgo leal acusar-se o movimento ecuménico dos cristãos reformados, de forjar um papado sem papa; como desleal seria acusar de intrigantes separatistas os sinceros crentes que mais vivacidade põem na defesa de questões de exegese secundária, do que na obediência ao Senhor que orou assim: «Sejam eles todos um...»

Um, como o mar com seus cambiantes; um, como o campo com seus contrastes; um, como o firmamento com suas constelações.

Eduardo H. Moreira

A UNIÃO DAS IGREJAS

Com este título acaba de chegar às nossas mãos um admirável Opúsculo do Bispo Católico Romano, Rev.º D. Salomão Ferraz, o qual é a reprodução da Conferência proferida por ele no dia 18 de Outubro de 1961, no Salão Nobre da «FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS DE S. LUÍS» (Brasil), na presença do Arcebispo siro-ortodoxo e de numerosos Pastores evangélicos. Do dito opúsculo, com a devida vénia, publicamos o pequeno trecho que segue.

Nesta obra da unidade visível dos filhos da fé, há três inimigos perigosos contra os quais toda a cautela é pouca:

O primeiro deles é o medo. Quem entregou o seu coração a Cristo, pela fé, e a sua vida corresponde às suas crenças, cumprindo os divinos preceitos, pode estar tranquilo.

O segundo inimigo é a pressa. Ninguém tenha pressa em encontrar o caminho da unidade visível. Caminhe passo a passo, reflectidamente. Primeiro, ore pela unidade, especialmente pelo seu maior expoente, em nossos dias, o Santo Padre. A oração intercessória, sincera, perseverante, nos faz penetrar na realidade dos indivíduos e das situações, melhor do que os mais fortes argumentos.

O terceiro inimigo que deve ser enfrentado e vencido, mesmo a custo de transpor as suas linhas divisórias, é a prevenção. Nosso Senhor não respeitou essas linhas desumanas e arbitrarias, como a de que «os judeus não se comunicam com os samaritanos». Mas comunicou-se com os samaritanos, ostensivamente, sem embargo do legalismo então em voga, que vedava qualquer convívio com irmãos separados.

Calendário da Igreja

MARÇO

- 4 — Dom. da Quinquagésima. Liv. O. pg. 134. Cor lit.: Roxa.
- 7 — Quarta-feira de Cinzas. (Primeiro dia da Quaresma). Liv. O. pg. 136. Cor lit.: Roxa.
- 11 — 1.º Dom. da Quaresma. Liv. O. pg. 138. Cor lit.: Roxa.
- 18 — 2.º Dom. da Quaresma. Liv. O. pg. 140. Cor lit.: Roxa.
- 25 — 3.º Dom. da Quaresma. Liv. O. pg. 141. Cor lit.: Roxa.
- 26 — Anunciação da B. A. V. Maria. (transf.) Liv. O. pg. 248. Cor lit.: Branca.

ABRIL

- 1 — 4.º Dom. da Quaresma. Liv. O. pg. 143. Cor lit.: Roxa.
- 8 — 5.º Dom. da Quaresma. Liv. O. pg. 146. Cor lit.: Roxa.
- 15 — Dom. de Ramos. Liv. O. pg. 148. Cor lit.: Roxa.
- 19 — Quinta-feira Santa. Liv. O. pg. 150. Cor lit.: Roxa.
- 20 — Sexta-feira Santa. Liv. O. pg. 157. Cor lit.: Preta.
- 22 — Dom. de Páscoa. Liv. O. pg. 163. Cor lit.: Branca.
- 29 — 1.º Dom depois da Páscoa. Liv. O. pg. 167. Cor lit.: Branca.
- 30 — Dia de S. Marcos. (transf.) Liv. O. pg. 249. Cor lit.: Encarnada.

Referências elogiosas acerca do «Despertar»

Não podemos calar a forma simpática como alguns dos nossos leitores se têm referido ao nosso Boletim. Entre os que nos têm honrado com uma palavra de apreço e estímulo, queremos destacar aqui dois nomes. Um, o do Sr. João Gomes Soares, Filho, da Congregação «Encruzilhada do Sul» — Rio Grande do Sul — Brasil, em carta dirigida ao Rev.º Bispo D. Ant3nio F. Fiandor; outro, o do Sr. Adolfo Oliveira, Obreiro responsável nas Assembléias de os «Irmãos» e conceituado articulista, no nosso colega «Vida Abundante». O Despertar agradece, sentindo-se animado a prosseguir.

PELA IGREJA

Notícias do Estrangeiro

Impressões sobre o Ecumenismo

Padre Jean Danielou

As divisões do Cristianismo sempre me afligiram, e senti sempre este absurdo flagrante. (Candide, Paris).

Dum periódico indiano

E' patente, neste Mundo, a luta do vício, querendo esmagar o espirito do homem no qual Cristo permanece. Há felizmente indícios de um ressurgimento espiritual. (The Bharat Jyoti, Bombaim)

Pastor Marc Boegner

O que nos une é muito mais do que aquilo que nos separa, mas não devemos diminuir a importância daquilo que nos separa. (Em relação às grandes divisões, protestante, romana e ortodoxa). De facto é vergonhoso que Igrejas, confessando o mesmo Cristo como Redentor, tenham chegado a este estado.

La Croix-France

A III Assembleia tomou uma posição que um católico-romano não pode deixar de interpretar como favorável a uma aproximação.

Kolnische Rundschau-Alemanha

A entrada das Igrejas Ortodoxas como membros do Conselho Mundial das Igrejas é um extraordinário avanço tanto espiritual, como eclesiástico e ecuménico. A história do Cristianismo de modo algum pode ser feita exclusivamente pelas Igrejas do Ocidente com as suas antigas tradições. Iguamentalmente as recentes Igrejas da África e da Ásia, nas suas primitivas formas, muito ligadas às originais, contribuem extraordinariamente para o presente movimento.

Notícias de Portugal

Sínodo da Igreja Metodista

Realizou-se no Porto, em 24 de Fevereiro, o Sínodo desta Igreja, estando presente grande número de representantes das congregações que a compõem.

Teve esta Igreja a iniciativa de convidar representantes de outras Igrejas irmãs sinodais a fazerem parte como observadores das reuniões deste Sínodo, e assim poderem compreender melhor os problemas do evangelismo português, vistos por ângulos diferentes. Uma das resoluções que entusiasmou a assistência foi a proposta feita para que uma melhor cooperação fosse empreendida entre a Igreja Metodista e a Igreja Presbiteriana, com vistas a uma mais eficaz acção entre o Sul e o Norte de Portugal, no que diz respeito a estas duas denominações.

Alegra-nos que se vão dando passos em

frente para uma possível e futura união de Igrejas, fazendo desaparecer as divisões que presentemente não têm razão de existir, num país em que as Igrejas Evangélicas são uma minoria, em comparação com a Igreja dominante.

Na noite do dia 24, houve na Igreja do Mirante um culto em memória do Pastor Júlio Roberto dos Santos, nosso querido e saudoso Amigo. Falaram vários delegados das diferentes Igrejas Evangélicas, que enalteciam as qualidades do homenageado, homem que se dedicou integralmente ao seu pastorado, sendo pastor de diferentes igrejas, em muitos lugares de Portugal.

No Domingo, 25, houve um culto especial na mesma Igreja do Mirante em que oficiaram o Rev. Aspey, superintendente da Igreja Metodista, e o Rev. Agostinho Arbiol, presbítero da Igreja Lusitana. Falaram o Rev. Vasco dos Santos pastor presbiteriano de Lisboa, e o Dr. Leopoldo de Figueiredo, director do nosso Boletim. Foi verdadeiramente um culto ecuménico.

Felicitemos a Igreja Metodista por seu franco entusiasmo nesta sua iniciativa, de verdadeiro espírito cristão.

Dr. Rui Fernando de Sousa

Acaba de completar o curso de medicina na Faculdade de Medicina de Lisboa, com a alta classificação de 20 valores, o Dr. Rui Fernando de Sousa, membro da Igreja Lusitana de S. Pedro, em Lisboa.

O distinto médico, a quem desejamos as melhores prosperidades na carreira que inicia, é filho do Rev. Josué de Sousa Júnior neto do Rev. Cónego Josué de Sousa, digníssimo decano dos ministros da Igreja Lusitana e bisneto do 2.º Presidente do Sínodo da mesma Igreja, o saudoso Rev. Cândido de Sousa.

Ernesto de Sousa

Da América, onde viveu cerca de 35 anos, chegou no princípio deste ano a Portugal este nosso querido Irmão que foi um dos consagrados obreiros da A. C. M. de Lisboa, no seu tempo glorioso da R. das Gaivotas. Como chefe de escuteiros, animou uma geração de rapazes que, hoje já homens maduros, cujos cabelos brancos indicam o tempo passado, não esquecendo o dirigente querido, compareceram em grande número na gare aérea para lhe darem as boas-vindas.

Prepara-se um festival no próximo dia 9 de Abril, aniversário do grupo n.º 1 da A. C. M., para comemorar os tempos antigos dos rapazes de então e dar incitamento aos presentes escuteiros, esperança da geração actual.

Ao querido Amigo, deseja o Despertar, as melhores bênçãos de Deus.

Rev.º Bispo-eleito Dr. Luis Pereira

Espera-se que em Junho se realize a sagração, na Catedral de S. Paulo em Lisboa, do Bispo-eleito da Igreja Lusitana. Será o seu 2.º Bispo sagrado, o 1.º a suceder

ao Rev.º Bispo D. António F. Fiandor E o nosso 4.º Bispo-eleito.

O 1.º Bispo-eleito foi o Cónego Godofredo Pope; o 2.º, o Rev.º D. Joaquim dos Santos Figueiredo; e o 3.º o depois sagrado D. António F. Fiandor.

Teremos alguns visitantes das Igrejas irmãs de vários países, principalmente do Brasil, onde temos tantos e tão queridos Amigos. Será Bispo sagrado o Rev.º Bispo D. Egmont M. Krischke da Igreja Episcopal Brasileira. Esperamos ter também nessa altura a desejada visita do nosso querido correspondente, Rev. Dr. Octacílio M. dos Santos, e ainda a de outros Amigos que aproveitarão a ocasião para visitar a Pátria irmã, e os seus irmãos de Portugal.

Paróq. de Cristo Remidor — Alcácer do Sal

Subscrição para a construção do Templo

A Comissão Permanente do Sínodo da Igreja Lusitana, na sua reunião de 24 de Janeiro último, decidiu recomendar a todos os ministros da Igreja um especial interesse por esta construção, que está prestes a concluir-se. As obras têm decorrido com rapidez e esperamos que a Igreja dentro em breve, possivelmente, antes das férias, se inaugure. Mas é necessário que os membros da Igreja Lusitana concorram com o possível das suas disponibilidades. Faltam-nos ainda 130 contos! Esperamos que todos os crentes irão responder ao nosso apelo ajudando assim a comissão sobrecarregada com a responsabilidade enorme da construção, e sem ter ainda os meios necessários.

Os donativos devem ser enviados à recacção deste boletim ou ao Rev.º Bispo D. António F. Fiandor, Torne, V. N. de Gaia.

Transporte	205.375\$10
Maria Arminda Loja	30\$00
Isita da Silva B. de Castro	500\$00
William West (\$10.00)	285\$00
Alberto Rato	250\$00
Mr. e Mrs. Wimbish	715\$00
A transportar	207.155\$10

D. Ana Fiandor

Encontra-se gravemente enferma a Ex.ª Sra. D. Ana Fiandor, Esposa do Rev.º Bispo D. António Ferreira Fiandor, cuja saúde, de há tempos para cá, vem inspirando sérios cuidados. O Despertar associa-se a todos os que têm acompanhado de perto a evolução da doença, rogando a Deus o alívio da nossa distinta Irmã.